



AS VESTIMENTAS DO REI

O Sujeito  
Acadêmico







Dina Maria Martins Ferreira

## AS VESTIMENTAS DO REI

# O Sujeito Acadêmico

*Miró*  
EDITORIAL

São Paulo  
2014





Copyright © 2014, 1ª edição.  
Dina Maria Martins Ferreira  
Copyright © 2014 Miró Editorial Ltda.  
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,  
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção Editorial **Miró Editorial**  
Editor **Márcia Lúgia Guidin**  
Capa, projeto gráfico e diagramação **WK Editorial**  
Capa **Willy Kiyoshi sobre desenho de  
Charles Albert d'Arnoux (Bertall)**  
Ilustrações nas p. 170-171 **Bruno Auriema/R2 Editorial**  
Preparação de texto e revisões **Claudia Vilas Gomes e Adir de Lima**  
Impressão e acabamento **Markpress Brasil**

Para adquirir esta obra, entre em contato com:  
editorial@miroeditorial.com.br  
www.miroeditorial.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferreira, Dina Maria Martins

As vestimentas do rei : o sujeito acadêmico /

Dina Maria Martins Ferreira. -- São Paulo : Miró Editorial, 2014.

Bibliografia.

1. Comunicação - Pesquisa 2. Ensaios 3. Ferreira, Dina Maria Martins  
4. Intelectuais - Aspectos sociais 5. Linguagem e cultura 6. Linguagem  
e línguas 7. Linguística antropológica 8. Prática social I. Título.

ISBN: 978-85-62381-32-4

14-02990

CDD-306.44

Índices para catálogo sistemático:

1. Prática intelectual e acadêmica : Linguística  
antropológica : Estrutura social : Ensaios 306.44

ISBN: 978-85-62381-32-4

Todos os direitos reservados  
Miró Editorial Ltda.

**Miró**  
EDITORIAL

Rua Augusta, 2676, cj. 143  
CEP 01413-100 — São Paulo — SP  
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342  
Visite nosso site: [www.miroeditorial.com.br](http://www.miroeditorial.com.br)





## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	Delineando um perfil tornado invisível, ou estranhando o familiar <i>Daniel do Nascimento e Silva</i>	13
<b>APRESENTAÇÃO</b>	Por que o sujeito acadêmico? Perspectivas da existência acadêmica	17
<b>CAPÍTULO 1</b>	O <i>homo academicus</i> em busca de identidades	26
<b>CAPÍTULO 2</b>	Do pesquisador ao conhecimento	55
<b>CAPÍTULO 3</b>	Do <i>homo politicus ... potens...</i> ao <i>sacer</i>	83
<b>CAPÍTULO 4</b>	A miséria acadêmica: 'República de bons sentimentos'?	115
<b>CAPÍTULO 5</b>	'O rei está nu': correndo atrás das vestimentas – causos e paródias na dupla identificação	145
<b>POSFÁCIO</b>	Preciso acordar antes de dormir <i>Tatiana Piccardi</i>	195
<b>REFERÊNCIAS</b>		203







## PREFÁCIO

### DELINEANDO UM PERFIL TORNADO INVISÍVEL, OU ESTRANHANDO O FAMILIAR

Daniel do Nascimento e Silva

É bem conhecida a crítica de Pierre Bourdieu ao clássico discurso da linguística, sobretudo aquele que se firmou nas décadas de 1960 e 1970 com a intensa tradução do *Cours de Linguistique Générale*, de Saussure, e com o impacto da publicação de *Aspects of the theory of syntax*, de Chomsky. No centro da crítica de Bourdieu estava sua insatisfação com o apagamento das condições sociais do conhecimento, e em especial do reconhecimento, daquilo que ele chama de língua legítima. À moda da sociologia do século XIX, Saussure encarou a língua como um ‘tesouro’, livremente depositado nas mentes dos indivíduos, os quais, também livremente, partilhariam em sociedade do tesouro linguístico; à moda da biologia do século XX, Chomsky entendeu a língua como uma dotação genética misteriosamente inscrita em nosso DNA. Recusando os mistérios da linguística, e assumindo radicalmente a natureza etnográfica de sua sociologia, Bourdieu busca na sociedade as condições de conhecimento e reconhecimento do objeto misteriosamente conhecido como língua. “É toda a estrutura social que se faz presente em cada interação”, assim é que Bourdieu, em sua *Economia das trocas linguísticas*, desvia o foco da forma linguística harmônica e abstrata para a prática socialmente situada, não raro conflitiva e violenta (porque conflitiva e violenta é, muitas vezes e em muitos lugares, a estrutura social).





E é justamente o pensamento de Bourdieu que Dina Ferreira escolhe como fundamento para uma reflexão sobre aquela classe de indivíduos a quem o pensador francês chamou *homo academicus*: o intelectual, o especialista, o pesquisador, o acadêmico – figuras que, na modernidade, assumiram papéis institucionais específicos, aos quais se atribui, a depender da instância, maior ou menor poder simbólico. Tida como dada ou estabelecida, a identidade do intelectual é raramente indagada. Muitos de nós certamente estamos acostumados a diferentes propagandas de sabão em pó nas quais a ação eficaz do produto é atestada por um “cientista” de jaleco branco, que fala uma linguagem difícil, numa repetição dos símbolos que distanciam o cientista da linguagem e das práticas cotidianas. Também já se tornou popular a imagem cômica do “cientista maluco”, aquele sujeito de cabelo arrepiado, genial em seus experimentos, mas completamente desatento ao entorno social. Dando sustentação a essas caricaturas, está um conjunto de crenças socialmente fossilizadas, como a de que os cientistas ou acadêmicos vivem num universo à parte, ou a de que seu conhecimento e seu jeito de ser são naturalmente inacessíveis aos leigos. O presente livro vai em busca da estrutura social que legitima essas crenças. E de uma forma a um só tempo rigorosa e bem-humorada indaga os caminhos tortuosos, as diversas estratégias institucionais e políticas, assim como o conjunto de apagamentos que estrategicamente posicionam o intelectual como alguém que habita uma espécie de vácuo.

Numa acurada e tenaz leitura de obras clássicas sobre a prática intelectual e acadêmica, Dina Ferreira tece uma instigante reflexão sobre a história e a configuração contemporânea do trabalho do intelectual, sobretudo daquele que trabalha hoje em dia nas universidades brasileiras. Além de uma revisão bibliográfica relevante, a autora narra





diversas cenas de seu cotidiano como intelectual e pesquisadora, em universidades em diferentes estados do Brasil e no exterior. Essas cenas, que a autora, em seu humor sagaz, chama de ‘causos’ e ‘paródias’, terminam por desfazer a crença de que o saber científico deve ser escrito em linguagem hermética e difícil, de que os acadêmicos são (ou deveriam ser) incompetentes na vida prática ou de que a fala dos intelectuais é “livre”, i.e., dissociada de compromissos institucionais e políticos.

Aqui, Dina Ferreira revisita a mitologia, resgata a Academia platônica, lê filósofos, linguistas, sociólogos, historiadores, escuta professores, pesquisadores e seus aprendizes e, vale ressaltar, dá atenção ao discurso dos leigos. Se o edifício do *homo academicus* se construiu com o suporte da linguagem hermética e inacessível do discurso científico, a autora produz nele um abalo, ao escrever de modo descontraído e corrente, num gesto que convida o leigo e o não especialista a entender o que fazem os acadêmicos, como o fazem, dentro de que condições e com quais interesses. *As vestimentas do rei – O sujeito acadêmico* é, assim, um discurso sobre a prática acadêmica que, a despeito de ser contado ‘de dentro’ da academia, projeta os seus termos para o leitor que vive ‘lá fora’. A vida intelectual e acadêmica é, afinal, uma história familiar a Dina Ferreira, a narrativa de sua experiência e do amadurecimento de suas leituras sobre a prática acadêmica. Ao mesmo tempo, contudo, esse familiar, tratado pela via da reflexão crítica e do humor, torna-se objeto não banal, que demanda atenção, cuidado, perspicácia. Dito de outro modo, é a história de um familiar que se torna familiarmente estranho.

Interessado em compreender o sentimento do estranho que acompanha a angústia, Sigmund Freud, em seu ensaio *O Estranho [Das Unheimliche]*, de 1919, vai à literatura e





DINA MARIA MARTINS FERREIRA

aos dicionários, além da investigação clínica, e conclui que o estranho e o familiar partilham características comuns: tal como no conto ‘O homem da areia’, de T. A. Hoffmann (e que Freud analisa magistralmente), o estranho da angústia é o familiar reprimido que retorna, que se repete não intencionalmente e assume uma nova e inquietante forma. Se o eterno retorno do familiar pode ser, na angústia, uma coisa assustadora, que paralisa, estamos na presente obra diante de uma outra transformação do familiar: a prática acadêmica retorna, no texto de Dina Ferreira, como um familiar inquietante que, em vez de impedir a ação, indaga, convida ao movimento, ao ajuste das lentes e à consequente tomada de posição.

Daniel do Nascimento e Silva  
Professor de Linguística da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO

Rio de Janeiro, maio de 2014.





## APRESENTAÇÃO

### POR QUE O SUJEITO ACADÊMICO? PERSPECTIVAS DA EXISTÊNCIA ACADÊMICA

(...) tudo aquilo que fala,  
rumoreja, passa, aflora,  
vem ao nosso encontro  
(Jacques Sojcher)<sup>1</sup>

Como pensei em escrever este livro? Ou melhor, um tanto livro acadêmico, um tanto ensaio, que se mesclam a empirias, ou seja, capítulos que privilegiam argumentos da ordem científica e outros do cotidiano comum, muitas vezes proliferados em *blogs* de discussão nas redes sociais. Diante de um tempo significativo de vida acadêmica, achei que, pelas experiências e pelas descrições de conhecimento, pudesse aliar a vida dos corredores do espaço acadêmico a uma escrita acadêmica. Afinal, optei por escrever sobre o sujeito acadêmico *em vida* (Martins Ferreira e Rajagopalan, 2006), ou seja, no seu mergulho cotidiano, em que subjetividades e busca do conhecimento se juntam.

E é justamente pelo conhecido paradoxo de que vida comum não participa da ciência, que resolvi trabalhar o mundo particular e a vida comum desse sujeito acadêmico, ou seja, suas práticas sociais cotidianas e suas performatividades políticas que alimentam o seu espaço identitário; ou melhor, como a doutrinação e o *establishment* ideológicos percorrem os corredores acadêmicos. As palavras de

---

<sup>1</sup> Sojcher, *La Dèmarche Poétique*, 1976, p. 15.





DINA MARIA MARTINS FERREIRA

Thomas Sowell (2013, *serial*) traduzem um pouco o objetivo deste livro:

Estamos hoje vivenciando todo o esplendor do anti-intelectualismo que se *espalhou por metástase ao longo de todo o mundo acadêmico*. As universidades se tornaram tão dominadas por uma insistência na inviolabilidade de um determinado *pensamento grupal*, que qualquer professor “forasteiro”, que não compactue com a predominância desse *pensamento gregário*, não mais pode falar a respeito de um determinado assunto sem antes ter sido *devidamente credenciado por seus pares*. (itálicos acrescentados)

Nesta minha escritura, presentificam-se também múltiplas vozes de pensadores que vão construindo o meu discurso, alinhadas ao meu olhar vivencial. Tomei a coragem, como diz o herói trágico grego, pela *hybris* que habita o buscador de conhecimento, que, em seu caminho de provas, começa a verificar que, nessa busca de objetos ‘cientificizantes’<sup>2</sup>, o sujeito ‘buscador’ atravessa intempéries e provas cotidianas cujo *impulso exacerbado* o leva a pensar não apenas no objeto do estudo mas também nas estratégias cotidianas de sobrevivência social nos intramuros universitários.

Como o título do livro indica, estou em uma construção a que denomino de “vestimentas”, mas vestimentas que constroem a ‘verdadeira’ identidade daquele que se autoneia “rei”, ou seja, o acadêmico divino. O sujeito acadêmico a que vou me referir é aquele construído pelo olhar do Outro,

---

<sup>2</sup> O uso de aspas simples está para o chamamento estilístico e eventuais neologismos, e o uso de aspas duplas para citações no interior do texto, para títulos de capítulos, e para nomenclaturas, sejam da própria autora, sejam de outros autores.





um outro que consegue apontá-lo como ‘estável’ no campo universitário, cuja ‘estabilidade’ no e pelo poder lhe permite tecer vestimentas nobiliárquicas, se não ‘divinas’. Mas é importante dizer que nessa estabilidade habitam múltiplos Sísifos, cujas pedras performativas ora engrandecem a produção do saber, ora rolam ladeira abaixo por suas mazelas – estes carregam a pedra da vaidade (Montaigne, 2001[1998]), esquecendo que sua roupa é invisível ao mundo lá fora.

Uma amiga-colega, várias vezes, mencionou seu incômodo ao verificar a reação à menção de alguns colegas; sua refutação a esse trejeitos excludentes se organiza por uma metáfora: o universo tem a capacidade de abraçar tantas estrelas quanto possível, sabendo nós que há umas mais luminosas e outras não, mas nem por isso as mais frágeis são eliminadas do céu. Por que, então, as ‘estrelas’ acadêmicas (as que realmente são e aquelas que se autointitulam como tais) rejeitam umas às outras? A exclusão e a impossibilidade de viver nesse espaço são, de um lado, risíveis, pois as ‘vedetes’ (Maffesoli, 2009), por uma questão de espaço e tempo, mesmo que acreditem em seu poder, não podem suprir todos os espaços que sobram ou que podem ser criados; e, de outro, são trágicas, pois estão golpeando sujeitos que podem acrescentar algo à ciência. Outra amiga me conta que conheceu uma *independent scholar*<sup>3</sup>, assim se etiquetava; esta reconhecia que precisava de uma etiqueta funcional para se apresentar em congressos, de modo que sua ação científica pudesse ser ouvida e/ou aceita, e não necessariamente reconhecida. Essa estudiosa seria acadêmica? Seus escritos e

<sup>3</sup> Esta etiqueta não é um problema no exterior, ao menos na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ela aparece quando o pesquisador e sua produção intelectual não estão atrelados a uma Universidade. A qualidade do trabalho não é mensurada necessariamente pela vinculação acadêmica.





pesquisas poderiam ser aceitos pela comunidade acadêmica? Daí o campo universitário estabelecer o que acredito se chamar de *homo academicus* (Bourdieu, 2011 [1984]).

Ratificando o objetivo deste livro, o que me interessa em sua narrativa é focar o sujeito acadêmico, suas vozes e corpos que afligem e fazem sofrer, cujos corredores institucionais e instituintes atuam por normas e regras – o *habitus* (*ibidem*), sejam regras oficialmente institucionalizadas, sejam aquelas que se constroem nas brumas da invisibilidade. Enfim, ‘traduzir’ um pouco o sujeito acadêmico, tanto a estrela que mal se ilumina quanto aquela que irradia muito brilho. Mas esclareço que não quero fazer deste livro um livro histórico do que seja Academia, nem (des)valorar Ciência, mas sim ponderar sobre desejos, atitudes e mecanismos políticos, ou seja, os jogos jogados e os jogos ‘jogantes’ que constroem parte da existência acadêmica – o lugar da *intelligentsia* (Maffesoli, 2009).

As divisões temáticas deste livro, constituídas anteriormente por artigos, são influenciadas pelas teorias e estudos que começaram a se formular desde minhas duas graduações em Letras. No mestrado, o rigor científico começa a se construir pelo estudo da construção de sentidos, alivia-se no doutoramento quando busco a identidade construída em linguagem (Martins Ferreira, 2009a, 2ª ed.), e voa no primeiro pós-doutorado no movediço grandioso da Pragmática pelo estudo das práticas sociais (Martins Ferreira, 2006) e das letras que as denunciam e as representam. E, em momento mais elástico de um segundo pós-doutoramento, em período ‘sabático’, alio o escorregadio das ‘(não)verdades’ pragmáticas ao *humus* da vida acadêmica. Trata-se de uma escritura que atravessa tanto o mundo do saber científico quanto o do saber comum, tanto o divino acadêmico quanto o mortal do humano.





\* \* \*

Os capítulos deste livro não necessitam de uma leitura linear, de capítulo após capítulo, pois foram criados a partir de momentos de leituras, de instantes de *insights*, mas que se ligam pelos nós da rede temática sobre o espaço acadêmico, seus sujeitos e suas performatividades.

No Capítulo 1, “O *homo academicus* em busca de identidades”, faço um percurso sobre a etiquetagem identitária que o sujeito acadêmico recebe, tanto dos próprios acadêmicos quanto da mídia, a fim de demonstrar a complexidade classificatória de sua identidade (Bourdieu, 2011[1984]), seja o *homo academicus* cosmopolita, paroquial, intelectual, professor universitário, cientista, avião... Atravesso outra perspectiva identitária pela *práxis* do conhecimento (Bauman, 2007), ou seja, o embate entre o intelectual legislador – aquele que dita normas e que só trabalha o conhecimento a partir de modelos – e o intérprete – aquele que não nega a tradição, mas questiona seus essencialismos e hegemonias. À prática do legislador filia-se a categoria do intelectual moderno, e à do intérprete a do intelectual pós-moderno, ambas confluindo para o *homo teórico-especulativo* (Rajagopalan, 1998; 2003). E, por fim, chega-se à problemática do logocentrismo como uma forma de dogma (Bourdieu, 2011[1984]) – o sujeito acadêmico passa a acreditar que sua teoria é a Verdade Absoluta, ou melhor, um dogma, e como tal inquestionável, que se expande pelo campo universitário em forma de atitude dóxica – opiniões que circulam e que infiltram no “campo” normas e atitudes que se naturalizam – *habitus* ou estruturas estruturantes.

No Capítulo 2, “Do pesquisador ao conhecimento”, abordo a correria e angústia do sujeito acadêmico diante da pesquisa, da exigência de publicação para preencher o Lattes e para o programa de pós-graduação ser bem





avaliado, sujeito que passa a ter valor pelo amontoado de papéis e ‘entulhamento’ do saber. Atravesso as denúncias da ‘eclipse do valor’ do conhecimento, em que a etnocentria torna-se hegemônica. Argumento que o acadêmico-científico está situado na história pela metáfora do “bonde-andando” (Martins Ferreira, 2008), ou seja, o sujeito acadêmico *x* pega o bonde em um determinado ponto e senta em determinado assento, tendo a paisagem diante de seus olhos diferentemente de quem senta atrás ou à frente de si, logo o olhar científico são múltiplos de dessemelhantes. Mostro os embates entre teoria e prática (Rajagopalan, 2001; 2003), quando a verdadeira questão é perguntar: quem vem primeiro, o ovo ou a galinha? E nesse jogo de “entre-lugares” (Bhabha, 1998), ilustrações da vida cotidiana aquecem a argumentação em prol de que a ciência está *em* vida.

No Capítulo 3, “Do *homo politicus... potens... ao sacer*”, faço um percurso argumentativo contextualizando o sujeito acadêmico como *politicus*, na medida em que seu *situatedness* se estabelece no “campo” acadêmico (Bourdieu, 2011[1984]), no tempo da pós-modernidade e nos embates políticos para manter um ‘estado moderno’ das certezas. Discurso sobre a reação do mal-estar tanto civilizatório das frustrações (Freud, 2006) quanto do mal-estar de flutuação e incertezas do pós-moderno (Bauman, 1998), justificando um porquê de isolamento intramuros. Atravesso a questão da biopolítica acadêmica (Agamben, 2010) como forma de apresentar a prática de estratégias e táticas do cotidiano do sujeito acadêmico (Certeau, 2012; Pais, 2003), estratégias que demonstram o estabelecimento de prestígio e mérito pela prática do poder simbólico e do capital simbólico, de modo a explicar o sujeito *potens* a caminho de uma identidade *sacer*, cuja sacralização se faz pela prática da magia e da busca do reconhecimento de si.





No Capítulo 4, “A miséria acadêmica: ‘república de bons sentimentos?’”, um capítulo, cujo *corpus* é a obra *A república dos bons sentimentos* de Michel Maffesoli (2009), no qual levanto os percalços da inveja e da malícia que habitam a academia, mostrando o lamento de/a quem tudo assiste e vive em um espaço que nada tem a ver com as intenções platônicas de uma República justa e habitada por cidadãos dignos. O antropólogo-sociólogo-filósofo Maffesoli me apresenta ao “odor da matilha” acadêmica e à realidade da onfalocentria, quando não da onfalocracia.

E, no Capítulo 5, “O rei está nu: correndo atrás das vestimentas – causos e paródias na dupla identificação”, com base em um *corpus* ‘informal’ e midiático, dedico-me ao risível que perpassa a identidade do acadêmico (Bergson, 1987; Houtcheon, 1985), conto causos, listo paródias, como uma forma de representar como o sujeito acadêmico é visto pelos pares e pelos mortais comuns dos corredores da vida. Apresento o risível como forma ‘inversa’ da soberba e do descaso como o acadêmico é visto, seja pela mídia ou pelos próprios acadêmicos. Enfim, o acadêmico que, de tanta soberba (Nietzsche, 2009), não consegue mais enxergar sua nudez, cobrindo-se pelo manto invisível de um rei (Andersen, 2004) que, na realidade, não tem mais roupas para vestir.

\* \* \*

De um lado, vale a ressalva de que este livro não se propõe a acusações particulares, mas a um compartilhar de conhecimento, seja científico, seja ordinário, que talvez seja reconhecido por alguns colegas. Mas não cabe a mim a interpretação que sofrerá ou ganhará este livro-ensaio; a mim cabe a *hýbris* de atingir e acolher aquele colega-leitor que, em algum momento, viveu, observou e lutou nessa estrada





acadêmica, que, muitas vezes, se arvora do título Sagrado do Mundo Adâmico. A coragem ‘híbrica’ desta escritura nasce do sensível humano, cujas armas políticas da vida acadêmica, muitas vezes, ferem por suas estratégias: meritocracias, exclusão, invisibilidade. E, de outro, Derrida (1999) explica a razão deste livro pelo descentramento a que se propõe: descola-se o ponto oprimido para valorá-lo, não fazendo o movimento de espelho que se opera na letra *X*, a qual, não importando sua posição, sempre reflete o mesmo contorno. A proposta é de *renversement* (*ibidem*): não apontar ou acusar o centro, mas valorar as margens ou mostrar a não existência de centros.

Se o centro da *intelligentsia* é o vetor da exclusão, é no seu descentramento que conhecemos as tramas do jogo. Por empirias e abstrações teóricas, mundos particulares emergem, que, de certa forma, podem ser reconhecidos no coletivo. Mas não esqueçamos que os sentidos buscados estão sempre condicionados à posição em que se aloca o telescópio-observador, cujo *Zinn* (sentido) se forma pela visão do *Bedeutung* (referência) que alcançamos (Russell, 1978). Ou seja, todo telescópio que escolhemos para observar o mundo está situado em determinada posição e, devido a essa posição, só determinados *referentes* são vistos, e é o que vemos que nos leva aos *sentidos*; o referente que meus olhos alcançam faz meu corpo sentir, encobrindo-o de sentidos, não necessariamente os mesmos que um Outro (leitor) em outro telescópio vê. E, por Russell (*idem*), nego a proposta de um trabalho com colocações universais, mas sim de ‘verdades’ (propositadamente em minúscula e no plural) que se movimentam no exercício da subjetividade, esteja ela na vida comum ou na vida científica.

Pertenço ao mundo das humanas, onde o *homo* é o bastão que sustenta o meu percurso acadêmico de linguista, que hoje amplio para o que chamo de estudo da linguagem.





Se a linguística estruturalizante (ada) me mostrou sua resiliência, é dela que saem os caminhos da transdisciplinaridade. Enfim, sigo o conselho de Richard Rorty: eu prefiro ser chamada de eclética do que deixar de procurar o novo. E, nesse novo, a coragem de dizer (Gros, 2004), coragem de partilhar, coragem de (se) expor na claridade um espaço cujas ações na maioria das vezes transitam na escuridão do *eidolon* (sombra) (Brandão, 1978).

Na legitimação de vozes científicas reconhecidas, os argumentos podem ser considerados como fagulhas acadêmicas, mas, sem dúvida, estarão encobertas pelo lamento e pelo sorriso de um percurso subjetivo da vida comum.

Leitores, escolham uma etiqueta para este livro, se assim lhes confortar, ou, apenas, senão muito, compartilhem esse traçado do 'rei' acadêmico que 'está nu', apesar de pensar que continua desfilando em suas roupas majestosas.



## CAPÍTULO 1

### O *HOMO ACADEMICUS* EM BUSCA DE IDENTIDADES<sup>4</sup>

O conceito de intelectual foi inventado  
como um grito de zombaria,  
uma tentativa de ressuscitar  
as reivindicações insatisfeitas do passado  
(Bauman)<sup>5</sup>

#### EMBARALHAMENTO CATEGORIAL

A primeira questão deste capítulo é refletir sobre o que estamos chamando de *homo academicus*. Muitas relações e correspondências na identificação do ‘homem acadêmico’. Vários pontos podem ser levantados: o pesquisador filiado a uma universidade, docente titulado (doutor, pós-doutor, Ph.D...), o pensador ermitão famoso pelo saber filosófico... Aparentemente, poderíamos condensar na figura do intelectual, o acadêmico proprietário do *logos* instituído em espaço universitário. Mesmo sendo a questão muito complexa, neste instante, talvez tenhamos em mãos o sujeito do saber e o espaço universitário, dois posicionamentos que nos permitem entender a macrotemática deste livro – o ‘rei’ acadêmico reinando no espaço ‘universidade’.

<sup>4</sup> Parte da pesquisa deste capítulo foi publicada na revista *Signótica*, UFG, V.24 n.2, pp. 287-303, 2012.

<sup>5</sup> (Bauman, 2007, p. 12) As citações referentes a Zygmunt Bauman pertencem à edição francesa, 2007, *La décadence des intellectuels – des législateurs aux interprètes*, e são traduções livres da autora deste livro.





Essas primeiras imprecisões refletem a dificuldade de delimitar, se é possível, o acadêmico e suas identidades, pois a problemática está no próprio conceito de nomeação de identidade. Por mais que este capítulo tenha por objetivo ‘discursar’ sobre o processo identitário do acadêmico, não posso abrir mão de utilizar identificações. Perigo! Se estou no estado de identificação, eu corto o processo performativo, caindo pelo precipício dos constativos (Austin, 1962). Mesmo que eu afirme que identidade é um *construto*, preciso apontar, identificar para defenestrar o processo. Preciso do fetiche para desconstruí-lo<sup>6</sup>. Outra questão está na multiplicidade de espaços contextuais em que as identificações ocorrem: ora no embate entre muros acadêmicos e o social cotidiano, ora entre afluentes de outros espaços advindos do dito acadêmico. Nortear e sistematizar flancos é quase impossível, pela própria acepção de iterabilidade (Derrida, 1999) dos sentidos: nunca se esgotam na repetição por traduzirem sempre um novo.

Diante dos “jogos de linguagem” que traduzem “formas de vida” identitárias (Wittgenstein, 1989), quem seriam os acadêmicos, os intelectuais, os cientistas, os pensadores, os pesquisadores...? Quais os sentidos iteráveis de suas identidades, quais suas formas de vida? O embaralhamento de fronteiras e categorias é tanto, que exemplificamos no discurso mídiático como os jogos de linguagem se ‘desorganizam’. Catalogar os espaços em um atlas geográfico seria cômodo, designar seus habitantes mais ainda. Nos fragmentos adiante, os habitantes – intelectual, pensador, filósofo, tradutor, autor, membro, médico, sociólogo, pesquisador, *scholar* – se deslocam aleatoriamente de um lugar para outro

<sup>6</sup> Ver Capítulo 2, “Do pesquisador ao conhecimento”, em que se avalia a necessidade do fetiche na desconstrução.





– sociedade, academia de letras, universidade, torre de marfim, instituição, sala de aula<sup>7</sup>:

*Acadêmico* Arnaldo Niskier lança seu 98º livro. *Intellectual* recebe o apoio da família e de Gilberto Braga(...) afirmou o *membro* da **Academia Brasileira de Letras** (Revista *Caras*, 28/08/2010, p. 33);

O complexo percurso de Edgar Morin. ‘Quando os *intelectuais* descem da **torre de marfim** e defendem ideias de valor social convertem-se em *intelectuais*’, acredita Morin (...) Morin lança luzes sobre sua estrada e reitera a seus leitores a força da ética (...) da convicção pessoal na formação de um *pensador* irrepreensível (...) (Jornal *Folha de S. Paulo*, 24 de julho de 2010, p. E6);

Geraldo Cavalcanti toma posse na **ABL**. Aos 81, diplomata, *tradutor* e *autor* pernambucano sucede José Mindlin na cadeira 29 (...) Diplomata, *poeta*, *escritor* e *tradutor* (...) ‘A **academia** é uma **instituição** tão especial que qualquer pessoa que se dedique, sobretudo, à vida literária não pode deixar de se sentir honrada ao ver na **academia** a culminância do reconhecimento como *intelectual* e como *escritor*’ (Jornal *Folha de S. Paulo*, 19 de outubro de 2010, p. A14);

Letra de *médico*. O *médico* Raul Cutait tomou posse na **Academia Paulista de Letras**, anteontem, na vaga que era (...) (Jornal *Folha de S. Paulo*, 28 de agosto de 2010, Ilustrada, p. E2);

ONG resgata *acadêmicos* perseguidos. ‘*Scholars at Risk*’ [*Pesquisadores em Risco*], nos EUA, oferece trabalho em **universidades** a *intelectuais* que fogem de regimes autoritários. A iraniana (...) *professora universitária* no Estado

<sup>7</sup> Para chamar atenção colocamos os ‘lugares’ em negrito e os ‘sujeitos’ etiquetados em itálico.





de Massachusetts (...) Atualmente, com a participação de 230 **universidades** e **instituições** em quase 30 países, funciona como uma rede internacional de informação e articulação, que, com quase 500 *professores* e *pesquisadores* voluntários, levanta informações, fundos e negocia posições para os *acadêmicos* em perigo. (Jornal *Folha de S. Paulo*, 25 de setembro de 2010, Caderno Mundo, p. 6);

**Universidade** do século 21. No início do século passado, o renomado *sociólogo* alemão Max Weber observou que somente por acaso se poderia encontrar em um mesmo homem as vocações de *cientista* e *professor*. Apenas em situações fortuitas teríamos a felicidade de entrarmos em uma **sala de aula** e depararmos com o *acadêmico* igualmente “vocacionado para o ensino e para a pesquisa” (Jornal *Folha de S. Paulo*, 6 de janeiro de 2010, p. A3);

*Pesquisador* trabalha em **laboratório** de campus da USP Ribeirão Preto. Hoje, os *cientistas* recebem dinheiro de fora, como da **Fapesp**, que em 2009 destinou R\$ 319 mil à **Universidade** (Jornal *Folha de S. Paulo*, 20 de outubro de 2010, A23).

Como se pode observar: o acadêmico ora está na universidade, ora na instituição Academia dos imortais, ora em laboratórios providos por recursos externos; ora acadêmico é escritor e poeta, ora é intelectual e pensador; ora é cientista, e assim por diante. Não há como estabelecer, por exemplo, em um gráfico explanador, o *habitat* de cada tipo de nomeação do sujeito. No entanto, deixa-se entrever tanto pelo senso comum quanto pelas nomeações midiáticas que o acadêmico está mais ligado à universidade e o intelectual e cientista não necessariamente. O que significaria dizer que nem todo acadêmico é intelectual e cientista, e que nem todo intelectual e cientista é acadêmico. Inclusive há uma





tendência de catalogar o sujeito cientista como pesquisador das ciências exatas, aquele que habita os laboratórios experimentais e comprobatórios, cujas pesquisas, muitas vezes, são até financiadas por empresas privadas. Talvez a única categoria que desse conta de um lugar amplo fosse o espaço do conhecimento, cujos habitantes se aliam pela categorização de homem do saber. Mas mesmo assim as controvérsias são muitas. Como diz Bourdieu (1984, pp. 26–27)<sup>8</sup>, as categorizações estão para uma “concorrência simbólica”:

Ela [concorrência simbólica] recorre a etiquetas classificatórias que designam ou dão marcas referenciais a grupos ou a grupos de propriedades sincreticamente apreendidas, (...) por exemplo, os critérios pertinentes para definir o poder universitário ou a hierarquia dos prestígios (...) Basta colocar à prova esta técnica para ver que ela *reproduz* a lógica mesma do jogo que ela se permite arbitrar: diferentes ‘juízes’ – e o mesmo ‘juiz’ a diferentes momentos – aplicam critérios diferentes (...) à lógica de julgamentos classificatórios que os agentes produzem na existência ordinária.

<sup>8</sup> O ano de 1984 refere-se à edição original em francês do livro *Homo Academicus*, e o ano 2011, à edição brasileira traduzida. O leitor encontrará ora referência à edição original, ora à traduzida. Tal movimentação de referência deve-se à intenção da autora deste livro de ter a opção de citações por meio de tradução livre ou até modificada. O texto original: « Elle [concurrency symbolique] recourt à des étiquettes classificatoires qui désignent ou repèrent des groupes de propriétés syncretiquement appréhendés (...) par exemple, les critères des prestiges (...) Il suffit en effet de mettre à l'épreuve cette technique pour voir qu'elle *reproduit* la logique même du jeu qu'elle est censée arbitrer: les diferentes « juges » – et le même « juge » à diferentes moments – mettent em oeuvre des critères diferentes (...) la logique des jugements classificatoires que les agents produisent dans l'existence ordinaire ».

